Novo, C.B. M.N.; Jesus, E.L. Percepções do turismo e sua relação com a conservação ambiental no Alto rio Solimões, Amazonas. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.19, n.3, ago-out. 2026, pp. 338-362.

Percepções do turismo e sua relação com a conservação ambiental no Alto rio Solimões, Amazonas

Perceptions of tourism and its relationship with environmental conservation in the Upper Solimões River, Amazonas

Cristiane Barroncas Maciel Costa Novo, Edilza Laray de Jesus

RESUMO: Na Amazônia, na região do Alto rio Solimões, nas cidades de Tabatinga (Estado do Amazonas, Brasil) e de Leticia (Departamento Amazonas, Colômbia), o turismo manifesta-se por meio da contemplação do sistema ambiental. A presente pesquisa teve como objetivo analisar, a partir de uma abordagem interpretativa, as percepções de moradores e visitantes sobre o turismo e os atrativos turísticos da região, considerando sua relação com a conservação ambiental. A pesquisa, de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, foi orientada pelo método da dialética da complexidade sistêmica de Edgar Morin (1996) e pelo delineamento de estudo de caso, conforme Yin (2015). A coleta de dados envolveu pesquisa bibliográfica, documental e de campo, associadas à observação direta e participante, entrevistas individuais semiestruturadas, registros fotográficos, notas de campo, uso de gravador e coleta de coordenadas geográficas por meio de GPS para elaboração de mapas. Os resultados revelaram que, no tocante à percepção do turismo por moradores e visitantes, ele é associado a três palavras centrais: conhecer, lugar e cultura. Os sujeitos entendem o turismo como “conhecer a cultura e a natureza”, além de “novos lugares e lugares turísticos”. Finalmente, propõe-se o turismo amazônico como categoria reflexiva capaz de pensar o turismo na e para a Amazônia a partir de uma formação que mantenha relação profunda com o ambiente, com a conservação ambiental e com a biodiversidade como condições para a continuidade da vida, bem como com os motivos pelos quais os visitantes buscam esse lugar. Independentemente da nomenclatura que o turismo receba, os sujeitos desejam contemplar as florestas, o rio, a cultura e, em resumo, a sociobiodiversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; percepção ambiental; Alto rio Solimões; turismo amazônico.

ABSTRACT: In the Amazon, in the Upper Solimoes River region, in the cities of Tabatinga (Amazonas State, Brazil) and Leticia (Amazonas Department, Colombia), tourism manifests itself through the contemplation of the environmental system. This research aimed to analyze, from an interpretive approach, the perceptions of residents and visitors regarding tourism and the region's tourist attractions, considering their relationship with environmental conservation. The study, qualitative, exploratory and descriptive in nature, was guided by Edgar Morin's (1996) dialectic of systemic complexity and by the case study design proposed by Yin (2015). Data collection involved bibliographic, documentary and field research, combined with direct and participant observation, individual semi-structured interviews, photographic records, field notes, use of a recorder, and collection of geographic coordinates with GPS for map elaboration. The results showed that, regarding the perception of tourism among residents and visitors, it is associated with three central words: knowing, place and culture. The subjects understand tourism as "getting to know culture and nature", as well as "new places and tourist destinations". Finally, Amazonian tourism is proposed as a reflective category capable of thinking about tourism in and for the Amazon from a perspective grounded in a deep relationship with the environment, with environmental conservation and biodiversity as conditions for the continuity of life, as well as with the reasons why visitors seek this place. Regardless of the name given to tourism, the subjects wish to contemplate the forests, the river, the culture and, in short, the socio-biodiversity.

KEYWORDS: Amazon; environmental perception; Upper Solimoes River; Amazonian tourism.

Introdução

O turismo na Amazônia tem sido historicamente abordado a partir de perspectivas que privilegiam seus potenciais econômicos e ambientais, frequentemente vinculando-o à ideia de desenvolvimento regional e à valorização de sua megabiodiversidade. No entanto, tais abordagens tendem a reduzir a complexidade do fenômeno turístico, ao desconsiderar as dimensões simbólicas, culturais e perceptivas que estruturam as relações entre sujeitos e território.

Compreender o turismo, nesse sentido, exige reconhecê-lo não apenas como atividade econômica, mas como prática social situada, atravessada por experiências, significados e formas de interação com o ambiente. A Amazônia, enquanto espaço de elevada diversidade socioambiental, apresenta condições singulares para esse tipo de análise, especialmente em regiões marcadas por dinâmicas territoriais específicas, como é o caso da tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru.

No Alto rio Solimões, com destaque para Tabatinga e Benjamin Constant, no Brasil, e Leticia, na Colômbia, configura-se como um território de intensas interações culturais, sociais e econômicas, no qual o turismo se desenvolve de maneira articulada às dinâmicas locais e transfronteiriças. Nesse espaço, diferentes atores — moradores, visitantes e instituições —

produzem e compartilham percepções sobre o lugar, contribuindo para a construção de sentidos que extrapolam abordagens centradas apenas nos atrativos turísticos. Foi nesse contexto que se desenvolveu a presente investigação, ancorada em trabalho de campo prolongado e na escuta de sujeitos diretamente envolvidos com as dinâmicas turísticas da região.

Para os fins deste artigo, a fronteira é compreendida como espaço de circulação, contato e produção de relações sociais, culturais e territoriais, sem se restringir à condição de limite político entre Estados nacionais. O lugar, por sua vez, é tomado em sua dimensão experiencial e simbólica, vinculado aos sentidos produzidos pelos sujeitos em sua relação com o ambiente (Tuan, 2013). Já a região é entendida como recorte territorial relacional, constituído pelas interações socioambientais, culturais e históricas que tornam o Alto rio Solimões um espaço singular de análise. Nessa perspectiva, a megabiodiversidade da Amazônia envolve a diversidade biológica, os modos de vida, os saberes e as relações que compõem a sociobiodiversidade do território.

Embora esse quadro revele grande potencial analítico, ainda são limitados os estudos que se dedicam a compreender o turismo amazônico a partir das percepções dos sujeitos envolvidos, especialmente considerando as inter-relações entre cultura, ambiente e experiência. Tal lacuna evidencia a necessidade de investigações que valorizem a dimensão subjetiva do fenômeno turístico, sem perder de vista sua inserção em sistemas territoriais mais amplos e complexos.

A questão que orienta este estudo pode ser assim formulada: como moradores e visitantes que vivenciam o turismo na região do Alto rio Solimões percebem e significam os atrativos turísticos locais? A investigação busca compreender de que modo essas percepções se articulam às dimensões culturais e ambientais, contribuindo para a construção de sentidos sobre o território.

A pesquisa se justifica, em primeiro lugar, por sua contribuição ao debate científico sobre turismo em contextos amazônicos, ao incorporar a perspectiva da complexidade e da percepção ambiental. Em segundo lugar, permite evidenciar os sentidos atribuídos pelos sujeitos ao turismo, valorizando saberes locais e experiências vividas. Por fim, possibilita compreender as especificidades de uma região de fronteira marcada por fluxos, interações e múltiplas territorialidades.

Assim, o objetivo deste artigo é analisar, a partir de uma abordagem interpretativa, as percepções de moradores e visitantes sobre os atrativos turísticos na região do Alto rio Solimões, considerando as inter-relações entre ambiente, cultura e experiência, à luz da perspectiva da complexidade.

Metodologia

A pesquisa insere-se no campo das abordagens qualitativas, de caráter exploratório e descritivo, orientada pelo método da dialética da complexidade sistêmica, proposto por Morin (1996), e pelo delineamento de estudo de caso, conforme Yin (2015). A escolha por essa abordagem

decorre da compreensão do turismo como fenômeno social complexo, cuja análise demanda a articulação entre múltiplas dimensões - ambientais, culturais e simbólicas - e a valorização da experiência dos sujeitos em seus contextos de vida.

A perspectiva da complexidade, conforme Morin (1996), possibilita apreender o real em suas múltiplas inter-relações, compreendendo sujeito e ambiente a partir dos conceitos indissociáveis de sistema, interação e organização. Nessa direção, Vasconcellos (2013) contribui ao destacar uma epistemologia sistêmica que reconhece o papel do observador, implicando a compreensão da complexidade, da autonomia dos sistemas e da inserção do pesquisador como parte do todo investigado. Assumir tais pressupostos implica adotar uma postura investigativa atenta às conexões, às interdependências e aos sentidos produzidos nas relações entre sujeitos e território.

Optou-se pelo estudo de casos múltiplos do tipo integrado, entendido como estratégia de investigação empírica que permite analisar fenômenos contemporâneos em profundidade e em seus contextos reais (Yin, 2015). Nesse sentido, os casos não são tratados como amostra estatística, mas como replicações teóricas, possibilitando a compreensão do fenômeno a partir de diferentes unidades de análise articuladas. Conforme destaca Yin (2015), o estudo de caso se caracteriza pelo uso de múltiplas fontes de evidência, cuja convergência se dá por meio da triangulação dos dados.

O estudo foi desenvolvido na região do Alto rio Solimões, com foco na cidade de Tabatinga (AM, Brasil), considerando-se, entretanto, a ampliação da análise para Benjamin Constant (AM, Brasil) e Leticia (Departamento do Amazonas, Colômbia), dada a configuração territorial de tríplice fronteira e a dinâmica integrada do sistema turístico regional.

A pesquisa de campo foi realizada ao longo do ano de 2017, distribuída em quatro períodos — fevereiro, maio, julho e outubro — com permanência média de 15 dias em cada etapa, totalizando aproximadamente 75 dias de imersão em campo. Esse tempo prolongado possibilitou maior aproximação com o contexto investigado, favorecendo a observação direta e participante, bem como o aprofundamento das interações com os sujeitos da pesquisa.

Os sujeitos foram organizados em dois grupos principais: moradores e visitantes. Ao todo, foram realizadas 69 entrevistas, distribuídas entre 47 moradores - 37 de Tabatinga, 2 de Leticia, 6 de Benjamin Constant e 2 ex-moradores de Tabatinga - e 22 visitantes, sendo 11 nacionais e 11 internacionais. A seleção dos participantes ocorreu de forma intencional, considerando sua relação com a atividade turística e sua disponibilidade em colaborar com o estudo, priorizando a diversidade de experiências e percepções. Foi realizado pré-teste do instrumento de coleta de dados, bem como a aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo os aspectos éticos da pesquisa.

A produção dos dados ocorreu por meio de múltiplos procedimentos, buscando a triangulação de fontes e técnicas (Yin, 2015). Foram utilizados:

pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo, associadas às técnicas de observação direta e participante, entrevistas individuais semiestruturadas com roteiro prévio, registros fotográficos, notas de campo, uso de gravador e coleta de coordenadas geográficas por meio de GPS para elaboração de mapas.

As entrevistas constituíram o principal instrumento de produção dos dados empíricos. A escuta dos sujeitos ocorreu de forma individual, em diferentes espaços de circulação e permanência na região, permitindo aos participantes expressarem suas percepções sobre o turismo e os atrativos locais por meio de palavras, expressões e narrativas curtas. Quando autorizadas, as entrevistas foram gravadas; nos demais casos, os registros foram feitos em notas de campo, preservando-se o conteúdo das falas e o contexto de enunciação.

O tratamento dos dados seguiu uma abordagem interpretativa, fundamentada na identificação de recorrências discursivas, aproximações de sentido e construção de unidades temáticas emergentes, em diálogo com o referencial teórico adotado. Nesse processo, destacaram-se termos como “conhecer”, “lugar” e “cultura”, que emergiram das falas dos sujeitos como elementos centrais para a compreensão do fenômeno turístico na região.

Como recurso de apoio à organização e visualização dessas recorrências, utilizaram-se gráficos e nuvem de palavras. Tais recursos não foram empregados com finalidade de quantificação estatística, mas como dispositivos exploratórios de síntese visual e apoio à análise qualitativa. No caso dos gráficos, sua função foi evidenciar tendências de recorrência e agrupamentos de respostas; no caso da nuvem de palavras, buscou-se tornar visíveis os termos mais mobilizados pelos entrevistados. Essa escolha metodológica não pretende reduzir a percepção a números, mas oferecer uma representação auxiliar das regularidades discursivas identificadas, em consonância com a análise interpretativa adotada e em diálogo com a crítica de Tuan (2012) às abordagens estritamente quantitativas.

A análise dos dados foi orientada pela perspectiva da complexidade, buscando compreender o turismo a partir das inter-relações entre sujeitos, ambiente e cultura, evitando reducionismos e privilegiando a interpretação dos sentidos atribuídos pelos participantes às suas vivências no território.

Caracterização da área de estudo

A área de estudo localiza-se no Alto rio Solimões, na Amazônia Ocidental, espaço identificado por estudiosos e por instâncias administrativas municipais, estaduais e nacionais como região de tríplice fronteira, formada por Brasil, Colômbia e Peru. Nesse contexto, Tabatinga, município fronteiriço do estado do Amazonas, constitui o *locus* principal da pesquisa. A cidade mantém intensa articulação com Leticia, capital do Departamento do Amazonas, na Colômbia, e com a ilha de Santa Rosa do Javari, no Departamento de Loreto, no Peru, configurando uma dinâmica territorial marcada por fluxos, intercâmbios e redes transfronteiriças (Butel-Ribeiro et al., 2017).

As conexões entre essas localidades ocorrem por via terrestre e fluvial. Conforme observam Butel-Ribeiro et al. (2017, p. 33), “devido à quase inexistência de rodovias na região da tríplice fronteira amazônica, os fluxos rodoviários são escassos e ocorrem quase que exclusivamente entre as cidades de Tabatinga e Letícia”. No caso de Santa Rosa, o acesso ocorre por via fluvial, tanto a partir de Tabatinga quanto de Leticia. A (Figura 1) apresenta a representação cartográfica da área de estudo.

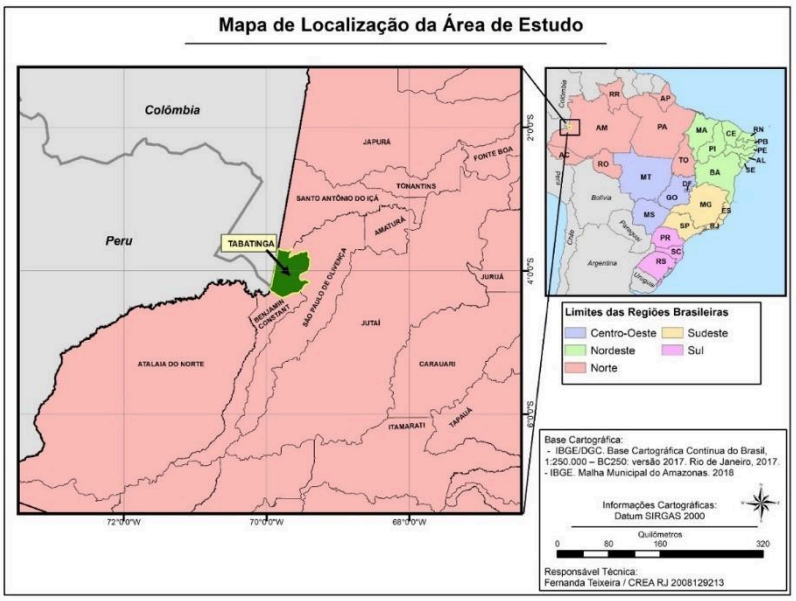

Figura 1: Representação cartográfica da área de estudo, cidade de Tabatinga - AM.
Figure 1: Cartographic representation of the study area, city of Tabatinga - AM.
Fonte: TEIXEIRA, F. (2019).
Source: TEIXEIRA, F. (2019).

A tríplice fronteira constitui um espaço de intensa circulação de pessoas, mercadorias, práticas culturais e experiências sociais, reunindo diferentes línguas, saberes e formas de vida. Trata-se de um território que também desperta o interesse de pesquisadores de distintas áreas do conhecimento, entre elas a Geografia, o Turismo, a Antropologia, a Biologia e a Agronomia.

Uma das principais vias de conexão entre Tabatinga e Leticia é a Avenida da Amizade, eixo por onde circulam moradores, visitantes, mercadorias e serviços. Nessa via concentram-se instituições públicas e atividades econômicas relevantes para a dinâmica local, como a Universidade do Estado do Amazonas, a Polícia Federal, o Hospital de Guarnição de Tabatinga, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), além de hotéis, restaurantes, lojas de artesanato, drogarias, supermercados, bares e outros estabelecimentos utilizados por moradores e visitantes.

Resultados e discussões

Os resultados da pesquisa evidenciam que as percepções de moradores e visitantes sobre o turismo no Alto rio Solimões se organizam em torno de sentidos que articulam ambiente, cultura e experiência. A análise das falas permitiu identificar a centralidade da percepção ambiental na maneira como os sujeitos compreendem o turismo e reconhecem os atrativos da região. Nesse horizonte interpretativo, a discussão também conduz à formulação do turismo amazônico como categoria reflexiva, entendida em estreita relação com a conservação ambiental e com as especificidades sociobiodiversas do território.

Etimologicamente, a palavra percepção, vinda do latim *per+cipio*, *per+capere*, remete à ideia de "obtido por captura ou captação" (Maturana, 2014). No entanto, para além dessa acepção inicial, Maturana et al. (2014, p. 85) assinalam que:

> O fenômeno que conotamos com a palavra *percepção* não consiste na captação, pelo organismo, de objetos externos a ele, como implica o discurso usual da neurofisiologia e da psicologia. Tampouco consiste na especificação, por parte do meio, de mudanças no organismo, resultando em que esse organismo opere com base numa representação do meio na geração de sua conduta. Ao contrário, o fenômeno conotado pela palavra *percepção* consiste na configuração que o observador faz de objetos perceptivos, mediante a distinção de cortes operacionais na conduta do organismo, ao descrever as interações desse organismo no fluir de sua correspondência estrutural no meio.

Nessa perspectiva, a percepção não se reduz ao que é captado pelo observador, mas envolve as distinções produzidas nas interações entre sujeito e meio. Como reforça Maturana (2014, p. 85), isso se aplica "a todos os organismos, inclusive a nós mesmos enquanto observadores", uma vez que também emergimos em nosso operar como seres vivos determinados estruturalmente.

Tuan (2012, p. 28), por sua vez, chama atenção para os limites de uma percepção fundada apenas no olhar, ao afirmar que "uma pessoa que simplesmente 'vê' é um espectador, um observador, alguém que não está envolvido com a cena. O mundo percebido pelos olhos é mais abstrato que o conhecido por nós por meio dos outros sentidos". Assim, a experiência do ambiente não se produz de forma fragmentada, mas por meio de uma articulação sensível e simultânea entre diferentes formas de sentir e viver o lugar. O autor também destaca a estreita relação entre visão de mundo e meio ambiente natural:

> A visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo. Nas sociedades não tecnológicas, o ambiente físico é o teto protetor da natureza e sua miríade de conteúdos. Como meio de vida, a visão do mundo reflete os ritmos e as limitações do meio ambiente natural (Tuan, 2012, p.116).

Essa formulação é particularmente fecunda para pensar o turismo na Amazônia, onde o ambiente não constitui mero cenário, mas dimensão constitutiva das formas de vida, dos valores e das práticas sociais. As maneiras pelas quais os sujeitos percebem a floresta, o rio, a fauna, a cultura e as relações entre esses elementos interferem diretamente no significado atribuído ao turismo e aos seus atrativos.

Em diálogo com essa perspectiva, Del Rio et al. (1999) compreendem a percepção ambiental como processo que parte do real e conduz à construção da realidade, atravessando as etapas de sensações, motivações, cognição, avaliação e conduta, conforme sintetizado na (Figura 2).

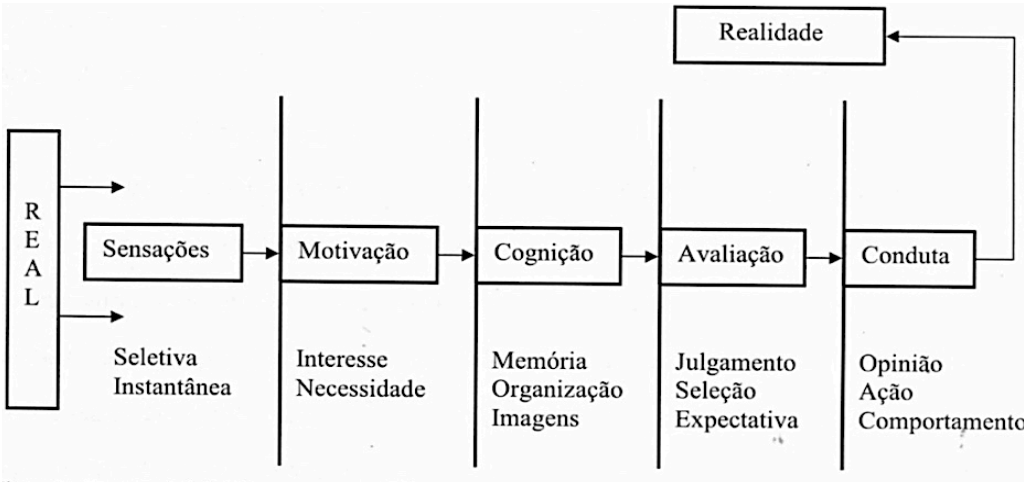

Figura 2: Representação esquemática do processo perceptivo.
Figure 2: Schematic representation of the perceptual process.
Fonte: Del Rio (1999, p.4).
Source: Del Rio (1999, p.4).

Na mesma direção, Noda (2015) define a percepção ambiental como:

> Processo mental de **interação** humana com o **ambiente natural** ou **construído** por meio de mecanismos perceptivos, dirigidos por **estímulos externos captados** pelos **sentidos** e **cognição** que compreendem desde a motivação à decisão e a conduta para satisfazer necessidades e desejos de qualidade de vida de várias gerações. Cada indivíduo **percebe**, **reage** e **responde diferentemente** frente às ações sobre o ambiente. (grifo nosso).

Desse modo, a percepção ambiental é singular e relacional, sendo atravessada por processos cognitivos, expectativas, julgamentos e experiências acumuladas. As respostas dos sujeitos, portanto, não decorrem apenas do contato imediato com o lugar, mas também dos sentidos que nele projetam e constroem. As contribuições de Maturana et al. (2014), Tuan (2012), Del Rio et al. (1999) e Noda (2015) oferecem, assim, o suporte teórico para interpretar o entendimento de moradores e visitantes sobre o

turismo, os atrativos mais representativos do Alto rio Solimões e a formulação do turismo amazônico como categoria reflexiva.

Turismo: percepções dos moradores e visitantes

As percepções de moradores e visitantes acerca do turismo revelam formas de significar o território e de se relacionar com ele. Quando indagados sobre qual palavra pensavam ou associavam ao ouvir o termo turismo, os sujeitos mobilizaram respostas que, posteriormente, foram organizadas na forma de nuvem de palavras, apresentada na figura 3. Cabe lembrar que tais respostas não se restringiram a vocábulos isolados, mas incluíram também expressões e pequenas formulações discursivas.

Figura 3: Representação por nuvem de palavras mais citadas por moradores e visitantes quando questionados sobre qual termo pensam/associam ao turismo.
Figure 3: Word cloud representation of the most cited words by residents and visitors when asked which term they think of/associate with tourism.
Fonte: elaborado pelos autores (2017).
Source: prepared by the authors (2017).

A (Figura 3, acima) evidencia a recorrência de três palavras centrais: **conhecer**, **lugar** e **cultura**. A predominância desses termos é significativa, pois desloca a compreensão do turismo para além do simples movimento espacial, associando-o a experiências de encontro, aprendizagem e relação com o território. Nessa leitura, a palavra “conhecer” aparece ligada a *continuuns* de sentido como cultura, pessoas, lugares, coisas novas e diferentes, arte, expressão do povo e bioma, indicando que, para os entrevistados, o turismo está fortemente relacionado à experiência de aproximação com o outro e com o ambiente.

A leitura desses dados pode ser aprofundada à luz de Morin (2008b), para quem o sentido de uma palavra não se esgota em uma unidade isolada, mas se constitui em relação com outros sentidos, frases e contextos. Assim, o destaque dado ao verbo “conhecer” não deve ser interpretado apenas como frequência vocabular, mas como indício de uma

percepção mais ampla, na qual o turismo se associa à descoberta de realidades, sujeitos e paisagens.

Essa centralidade do sujeito também se aproxima da reflexão de Moesch (2015, p. 7), para quem o turismo deve ser compreendido como prática social contemporânea na qual o protagonista é o sujeito, "seja como produtor ou consumidor dessa prática social". Nessa perspectiva, o turismo envolve uma amálgama de tempo, espaço, imaginário, comunicação, hospitalidade, economia e experiência, não podendo ser reduzido a sua contingência material ou mercadológica. Em chave complementar, a leitura de Jiménez Guzmán (1990) sobre o turismo como fato social e sob enfoque integral permite reforçar a centralidade do sujeito na compreensão do fenômeno turístico, o que reforça a pertinência de interpretar os dados a partir da experiência vivida e dos sentidos atribuídos pelos sujeitos.

As respostas dos entrevistados também dialogam com a classificação proposta por Panosso Netto (2010), que organiza as visões do turismo em três grupos: leiga, empresarial e acadêmico-científica, conforme apresentado no (Quadro 2).

Quadro 2: Visões do turismo apontadas por Alexandre Panosso.
Table 2: Visions of tourism as presented by Alexandre Panosso.

Visão Leiga	O turismo é descanso; conhecimento de novos lugares e pessoas; boa comida e bebida, bronzeado novo; status social; fuga do estresse cotidiano; prêmio merecido após um período de trabalho; férias; viagem para longe; não fazer nada estando distante de casa (p.16).
Visão empresarial	turismo envolve oportunidade de ter renda e lucros financeiros; empregabilidade para os trabalhadores do setor; busca de investimentos para aumentar o negócio; conjunto de bens e serviços que são oferecidos aos viajantes; elaboração de produtos turísticos para que possam ser transformados em oferta a ser consumida; geração de riquezas na localidade; pensamento estratégico na criação de campanhas de marketing de destinos; trabalho no tempo de lazer dos outros e; e como já foi dito por vários autores, *negócio do ócio* (p.16).
Visão acadêmico-científica	turismo está relacionado com possibilidade de inclusão social desenvolvimento de ações para minimizar seus impactos negativos e maximizar os positivos; coleta e análise de dados qualitativos e quantitativos; produção de conhecimentos críticos na busca de sua melhor compreensão; implantação de políticas públicas de turismo; estudos interdisciplinares que envolvam a sociedade em todos os seus aspectos econômicos, políticos, culturais, sociais e ambientais na busca de resolução de algum problema causado pelas viagens; análise e previsão de tendências de desenvolvimento do turismo (p.17).

Fonte: Panosso Netto, A. (2010).
Source: Panosso Netto, A. (2010).

Para além dessas três visões, o debate também permite reconhecer uma perspectiva institucional, vinculada aos organismos oficiais de turismo, cuja formulação do conceito tende a responder mais a objetivos operacionais e estatísticos do que propriamente à compreensão teórica do fenômeno. Como observa Pakman (2014, p. 5), "as instituições oficiais não têm interesse natural na problemática das definições, porque seu interesse é obter formulações que atendam à consecução de seus objetivos estatísticos". Nessa mesma direção, o conceito adotado pela Organização Mundial do Turismo (OMT), embora reconheça o turismo como fenômeno

social, cultural e econômico, ainda se mostra limitado para abarcar a complexidade das experiências e sentidos mobilizados no contexto amazônico (NACIONES UNIDAS/UNWTO, 2008).

De forma a aprofundar a interpretação das associações expressas na (Figura 3), questionou-se também aos participantes: “o que é turismo para o(a) senhor(a)?”. Algumas respostas estão apresentadas no (Quadro 3):

Quadro 3: Transcrição do entendimento de turismo por parte dos sujeitos da pesquisa.
Table 3: Transcription of the research subjects' understanding of tourism.

Morador de Benjamin Constant, nascido em Parintins, professor	Existem várias categorias de turismo. Ao mesmo tempo você é pesquisadora e é turista. Você tá fazendo pesquisa e conhecendo novas realidades, então por exemplo *turismo significa mudança, movimento para conhecer novas realidades, novas perspectivas* (grifo nosso).
Morador de Tabatinga, nascido em Atalaia do Norte, funcionário Sebrae	Pra nossa região eu vejo a riqueza da nossa natureza com relação ao potencial que tem pra ser explorado. Pela nossa localização, pela floresta, pelo rio que tem aqui. A gente não vislumbra a criação de indústria, de empresas grandes, *seria o turismo esse meio de empreendimento mais acessível e mais apropriado pra nossa região* (grifo nosso).
Morador de Tabatinga, nascido em São Paulo de Olivença, catraieiro	*Turismo significa o desenvolvimento do município*. No caso assim, quem mais usufrui do turismo aqui na nossa região é a Colômbia. A gente tem muita área boa pra turismo mas não tem quem explore os locais aqui pra poder trazer turismo de fora, pra cá pra região (morador de Tabatinga, entrevista na Catraia, 2017, grifo nosso).
Morador de Tabatinga, nascido na Bahia, professor	*Me remete a questão do turismo ambiental, visitar as florestas ou então os rios, por exemplo, eu estou pensando na realidade daqui.* Turismo mais urbano. Visitar mais museus, monumentos, essa parte histórica da cidade também. Conhecer uma outra cultura, a arte, uma expressão do povo, um bioma, de uma determinada localidade (grifo nosso).
Visitante internacional, nascido em Bogotá, vendedor	*Queremos ver coisas diferentes do que estamos habituados a ver na cidade.* Eu gosto de ver os animais diferentes, conhecer diferentes culturas. Eu caminho bastante no lugar. Turismo é conhecer. Intercambiar ideias e cultura. Dispersar-se. É ver um ambiente diferente do ambiente habitual. (grifo nosso).
Visitante nacional, nascido em Brasília, servidor público federal	*Turismo é ter a oportunidade de conhecer alguma sociedade, alguma cultura que por ventura eu não conheço* e que geralmente vai me agregar algo sobre a história do Brasil ou história internacional, que esteja voltada pra essa questão cultural e histórica. E aí dentro dessa parte histórica da cidade, da civilização ou até mesmo da natureza, dos animais, da fauna, flora daquele lugar que você tá conhecendo (grifo nosso).
Visitante nacional, nascido em Manaus, analista de sistema	*Eu acho que um conjunto de culturas pra ser exploradas por outras pessoas que não são do lugar*. Apresentar como forma subsídio de vida pra população que mora no lugar, gerar renda, gera um nome em outros lugares. Eu estou levando uma lembrança pra um amigo que ele é muito a fim de vir pra cá, mas que não teve tempo de vir pra cá (grifo nosso).

Fonte: elaborado pelas autoras (2017).
Source: prepared by the authors (2017).

As falas evidenciam percepções distintas, mas convergentes em pontos importantes. Algumas aproximam o turismo da experiência de

conhecer novas culturas, pessoas e realidades; outras enfatizam seu potencial econômico e sua capacidade de gerar oportunidades para a região; outras, ainda, associam o fenômeno ao contato com a natureza, os rios, as florestas, os animais e os diferentes modos de vida amazônicos. Em comum, sobressai a compreensão de que o turismo não se resume ao deslocamento, mas envolve formas de encontro e de atribuição de sentido ao lugar.

Tal compreensão reaparece quando os entrevistados definem o turismo como “conhecer cultura e natureza”, “conhecer novos lugares” ou vivenciar “deslocamento, circulação e movimento”. Essas formulações reforçam que, na área de tríplice fronteira, o turismo é percebido como experiência simultaneamente espacial, cultural e ambiental. A partir desse entendimento, torna-se possível avançar para a análise dos atrativos turísticos mais representativos da área de estudo.

Percepções dos atrativos turísticos na tríplice fronteira (Brasil, Colômbia e Peru)

Quando questionados sobre “o que o(a) senhor(a) acha que as pessoas vêm conhecer aqui?”, moradores e visitantes atribuíram centralidade à natureza, seguida da tríplice fronteira e da floresta. À primeira vista, a referência à natureza pode parecer evidente ou mesmo genérica; contudo, no contexto amazônico, ela precisa ser compreendida em sua complexidade. Como assinala Morin (1999), a natureza não constitui desordem, passividade ou meio amorfo, tampouco o ser humano é uma entidade isolada em relação a ela, mas um sistema aberto em relação de autonomia/dependência organizadora no seio de um ecossistema.

A recorrência da natureza nas falas dos sujeitos permite compreender que ela não aparece apenas como pano de fundo, mas como elemento estruturante da atratividade turística regional. Nesse sentido, se a natureza constitui um dos principais motivos de deslocamento dos visitantes para o Alto rio Solimões, torna-se necessário que as políticas públicas de turismo, em articulação com a educação, a cultura e o meio ambiente, sejam capazes de promover práticas voltadas à conservação dos recursos naturais e o fortalecimento das relações entre sociedade e território.

Na tentativa de detalhar melhor os aspectos apontados pelos sujeitos, as palavras e expressões mencionadas foram agrupadas por aproximação, resultando nas representações gráficas das (Figuras 4 e 5):

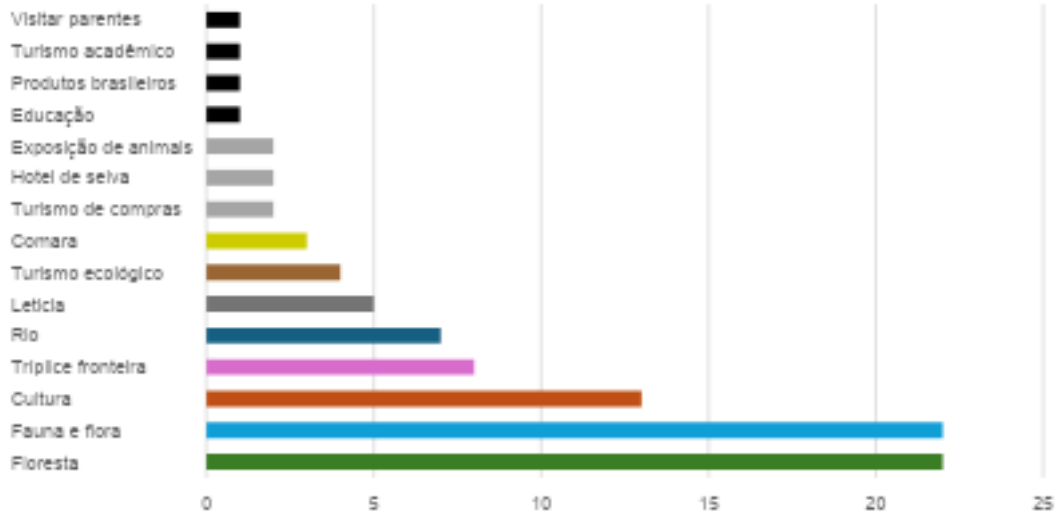

Figura 4: Representação gráfica dos aspectos que atraem as pessoas para o Alto rio Solimões, segundo os moradores[1].
Figure 4: Graphic representation of the aspects that attract people to the Upper Solimões River, according to the residents.
Fonte: elaborado pelos autores (2017).
Source: prepared by the authors (2017).

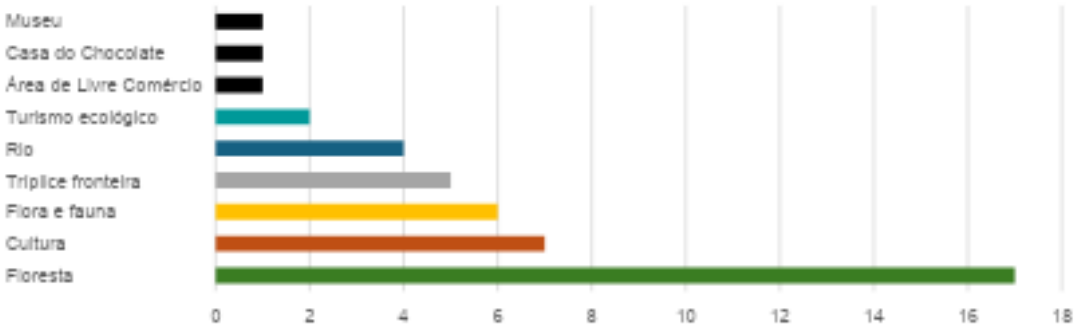

Figura 5: Representação gráfica dos aspectos que atraem as pessoas para o Alto rio Solimões, segundo os visitantes[2].
Figure 5: Graphic representation of the aspects that attract people to the Upper Solimões River, according to visitors.
Fonte: elaborado pelos autores (2017).
Source: prepared by the authors (2017).

As Figuras 4 e 5, acima, mostram que floresta, fauna/flora e cultura se destacam entre os aspectos mais associados ao interesse pelo lugar. A recorrência desses elementos permite afirmar que natureza e cultura constituem, de forma articulada, os principais vetores de atração da região. Mais do que um cenário a ser visitado, o Alto rio Solimões é percebido como território de sociobiodiversidade, no qual a experiência turística envolve contato com paisagens, modos de vida, saberes e práticas culturais.

As percepções de moradores e visitantes, entretanto, não são idênticas. A maneira como os habitantes locais se relacionam diariamente com o território e a perspectiva dos visitantes recentes geram interpretações

variadas do espaço. Tuan (2012) observa que o visitante, justamente por não estar incorporado à rotina do lugar, frequentemente percebe qualidades e problemas que já se tornaram menos visíveis para o residente. Essa distinção ajuda a compreender por que certos elementos da paisagem e da organização local do turismo ganham pesos diferentes nas falas dos sujeitos.

A partir dessas motivações, buscou-se identificar também quais atrativos turísticos são considerados mais representativos da região. Perguntou-se aos entrevistados: “Onde o senhor levaria os visitantes? O que um visitante não pode deixar de conhecer aqui?”. As respostas revelaram um conjunto de lugares distribuídos entre Brasil, Colômbia e Peru, o que reforça a possibilidade de pensar o turismo na região a partir de uma lógica integrada e transfronteiriça.

Os locais mais citados situam-se no Brasil — em Tabatinga, Benjamin Constant e Atalaia do Norte —, na Colômbia — em Leticia e Puerto Nariño — e no Peru — em Santa Rosa do Javari. No caso colombiano, essa integração já se mostra mais visível, inclusive na circulação de ônibus de turistas e tuk-tuks em pontos como a Mansión del Chocolate e a rua da Mallet. Os locais mais indicados foram: Comara, hotel e restaurante Cabanas, terra indígena Umariaçu, Leticia, zoológico, hotel On Vacation, Isla de los Micos, Puerto Nariño, Reserva Natural Palmari e Santa Rosa.

Esses lugares não correspondem necessariamente a atrativos turísticos formalmente estruturados. A Comara, em Tabatinga, por exemplo, é um barranco a partir do qual se pode avistar os três países e, segundo relatos locais, contemplar um dos mais belos pôr do sol da região. Apesar de não possuir infraestrutura de apoio ao visitante, o local recebe fluxo de pessoas, especialmente no final da tarde, incluindo mototaxistas, taxistas, ônibus e visitantes em trânsito.

Outro espaço recorrente nas falas foi o hotel e restaurante Cabanas, em Benjamin Constant. Bastante frequentado pelos moradores da região, localiza-se próximo ao campus do Instituto de Natureza e Cultura, da Universidade Federal do Amazonas e oferece cabanas, restaurante com culinária amazônica, lago e, em determinado período do ano, uma praia com piscina natural. Ao mesmo tempo, sua menção pelos entrevistados evidencia um problema de infraestrutura urbana, uma vez que o acesso ao local é dificultado pelas condições das vias do município.

No Brasil, também se destaca a terra indígena Tukuna Umariaçu, localizada em Tabatinga, com área oficial de 4.854 hectares e perímetro aproximado de 38 km, integrada pelas aldeias Umariaçu I, Umariaçu II e Cidade Nova. A terra foi demarcada por decreto de 11 de dezembro de 1998 e homologada por meio da demarcação administrativa promovida pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Como observa Pinto (2016), a adoção da atividade turística nesse território ainda constitui objeto de debate entre comunitários e diferentes esferas de governo. Embora o acesso seja relativamente fácil por transporte local, visitas e registros fotográficos dependem de autorização do cacique, o que evidencia a necessidade de

reconhecer a autonomia comunitária sobre o uso do território e sobre as formas de relação com o turismo.

Na Colômbia, foram indicados quatro atrativos principais: Leticia, hotel On Vacation, Isla de los Micos e Puerto Nariño. Leticia aparece nas falas como cidade organizada para o turismo, com sinalização, espaços públicos bem cuidados, oferta diversificada de serviços e forte presença institucional ligada à atividade turística. Desde a chegada do visitante, seja pelo aeroporto, seja pelo porto, percebe-se uma estrutura de acolhimento sustentada por placas de orientação, restaurantes, serviços e equipamentos urbanos mais diretamente articulados à experiência turística.

Ainda em Leticia, o hotel *Amazon by on Vacation é apontado* como um dos locais mais representativos, em razão do sistema de pensão completa e da localização em área de reserva natural na floresta amazônica. Segundo informações divulgadas em plataforma de hospedagem online, o hotel situa-se em San José Vereda, a cerca de 14 km de Leticia, com vista para o rio Amazonas e acesso fluvial a partir do aeroporto Alfredo Vásquez Cobo.

A Isla de los Micos também se destaca como um espaço de forte apelo turístico. Mantida pelo hotel Decameron, a ilha oferece aos visitantes experiência de interação com macacos, acompanhada de instruções sobre segurança e cuidado com pertences. Ao final do percurso, há também comercialização de artesanato indígena. A descrição do lugar revela como a fauna, a experiência sensorial e a mediação cultural são mobilizadas na composição do roteiro turístico.

Puerto Nariño, por sua vez, foi descrito como destino que conjuga beleza cênica, organização urbana e compromisso com a sustentabilidade turística. Distante 87 km de Leticia, o município foi o primeiro da Colômbia a obter certificação em qualidade turística com base nos critérios de sustentabilidade NT STS 001-1. O local reúne alojamentos, restaurantes, lojas de artesanato, Centro de Informação ao Turista, sinalização, torre de observação de pássaros, equipamentos públicos e ausência de veículos motorizados, compondo uma paisagem urbana que favorece uma experiência diferenciada do visitante.

Outro espaço bastante citado foi o Parque Zoobotânico, em Tabatinga, conhecido localmente como zoológico. Inaugurado em 2011, o parque recebe visitantes ao longo de todo o dia, com maior movimento no final da tarde. Sua estrutura inclui espécies ameaçadas de extinção, atendimento veterinário e gestão realizada pelo Exército Brasileiro. Segundo os registros locais, trata-se de um espaço de atração contínua, inclusive em datas como 31 de dezembro e 1º de janeiro. A observação de campo registrou a presença de visitantes de diferentes países, inclusive crianças em sua primeira experiência na Amazônia.

A média mensal de visitação é de aproximadamente 470 pessoas, embora esse número possa ser maior, já que nem todos os visitantes registram presença no livro. Ainda assim, os dados reunidos indicam a

chegada de visitantes oriundos dos cinco continentes e de 61 países, como apresentado no (Quadro 4).

Quadro 4: Origem dos visitantes do Parque Zoobotânico (jan 2015 a out 2017).
Table 4: Origin of visitors to the Zoobotanical Park (Jan 2015 to Oct 2017).

Continentes	Países
África	África do Sul, Marrocos e Nigéria
América do Norte	Canadá, Estados Unidos, México e Porto Rico
América Central	Costa Rica, Cuba, El Salvador, Guatemala, Haití, Honduras e Panamá
América do Sul	Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Peru e Uruguai
Ásia	Armênia, China, Coréia do Sul, Filipinas, Índia, Indonésia, Israel, Japão, Paquistão
Europa	Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Dinamarca, Escócia, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Inglaterra, Irlanda, Itália, Kosovo, Lituânia, Luxemburgo, Macedônia, Mônaco, Noruega, Polônia, Portugal, Reino Unido, República Tcheca, Rússia, Suécia, Suíça, Turquia
Oceania	Austrália e Nova Zelândia

Fonte: Livros de assinaturas do Parque Zoobotânico.
Source: Guest books of the Zoobotanical Park.

A diversidade de procedências reforça o imaginário internacional em torno da Amazônia como lugar de forte interesse turístico. Nesse contexto, a ilha de Santa Rosa do Javari, no Peru, também aparece como atrativo relevante, especialmente pela culinária e pela possibilidade de conhecer mais um país na tríplice fronteira.

Tomados em conjunto, esses lugares — um barranco, um zoológico, uma terra indígena, uma reserva natural, hotéis, cidades e uma ilha — não se articulam por um único tipo de estrutura turística, mas pela sociobiodiversidade amazônica que os atravessa. É justamente essa articulação entre natureza, cultura, mobilidade e experiência que torna necessário pensar estratégias de conservação considerando simultaneamente o todo e as partes. Além dos locais mais recorrentes, os sujeitos da pesquisa também indicaram outras possibilidades de visitação e experiência, reunidas no (Quadro 5, próxima página).

As experiências apresentadas no quadro 5 podem ser agrupadas em dois grandes conjuntos: aquelas vividas na área urbana e aquelas relacionadas à área rural e às comunidades. Entre elas, destacam-se particularmente duas possibilidades: conhecer as ilhas da região e passar um dia na casa de um ribeirinho. No caso das ilhas, pode-se citar Aramaçá e Arariá, no município de Benjamin Constant; esta última, segundo Dácio (2017, p. 41), “é formada por um complexo de 36 lagos e, segundo os moradores, no período de águas altas, a ilha fica toda submersa e os lagos se interconectam”. Tais referências ampliam o entendimento de que o turismo regional não se limita aos atrativos mais consolidados, mas se projeta também sobre experiências de convivência, hospitalidade e imersão em formas de vida amazônicas.

Quadro 5: Outros locais/experiências indicados ao visitante conhecer no Alto rio Solimões.
Table 5: Other places/experiences recommended for visitors to explore in the Upper Solimões River region.

Brasil	Colômbia	Peru
Aeroporto de Tabatinga	Banhos nos quilômetros	Comida peruana
Área do Incra	Biblioteca	Comida indígena no Peru
Atalaia do Norte	Cafamaz	Conhecer o Peru
Belém do Solimões	Museu Etnográfico	Islândia
Casa do Chocolate	Parque Ecológico Mundo Amazônico	Restaurante em Santa Rosa
Comunidade Sacambu	Praça Santander	
Conhecer os pontos históricos de Tabatinga	“Rua dos Perfumes”	
Feijoal em Benjamin Constant	Restaurante Tierras Amazônicas	
Forte São Francisco	Serpentes	
Igarapé do Tacana		
Igreja Matriz em Tabatinga		
Malocas no Km 8 em Benjamin Constant		
Miradouro		
Mirante		
Museu Magüta		
Restaurante no porto Voyager		
Restaurante Te Contei		
Rua da Mallet		
Santuário na zona rural		
Tabatinga comer peixe		

Fonte: elaborado pelas autoras (2017).
Source: prepared by the authors (2017).

O turismo como mecanismo para a conservação ambiental

Quando questionados sobre a possibilidade de o turismo colaborar para a conservação ambiental, os sujeitos da pesquisa responderam, em sua totalidade, que sim. Parte deles, contudo, destacou que essa contribuição não ocorre de forma automática, dependendo da existência de regras, limites e formas de gestão capazes de evitar impactos indesejados sobre o sistema ambiental. Tal entendimento é particularmente relevante, pois evidencia que, na percepção dos entrevistados, o turismo pode favorecer a conservação, mas também pode comprometer o equilíbrio do lugar quando orientado exclusivamente pela lógica da exploração.

Essa discussão exige, inicialmente, explicitar o próprio sentido de conservação. Diegues (2000) observa que se trata de um termo relativamente recente, frequentemente definido apenas em seus aspectos técnicos e científicos, sem inserção mais ampla nas teorias que discutem as relações entre humanos e natureza. Segundo o autor, é justamente aí que se inicia o problema, uma vez que haverá tantas definições quantos forem os pressupostos teóricos e as correntes de pensamento mobilizadas para construí-la.

Uma definição amplamente utilizada no contexto brasileiro é a adotada pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), instituído pela Lei nº 9.985/2000, que compreende a conservação da natureza como:

> o manejo do uso humano da natureza, compreendendo a preservação, a manutenção, a utilização sustentável, a restauração e a recuperação do ambiente natural, para que possa produzir o maior benefício, em bases sustentáveis, às atuais gerações, mantendo seu potencial de satisfazer as necessidades e aspirações das gerações futuras, e garantindo a sobrevivência dos seres vivos em geral (BRASIL, 2000).

Nessa formulação, a conservação não implica afastamento absoluto do humano em relação ao ambiente, mas formas de uso e convivência orientadas pela sustentabilidade e pela continuidade da vida. No contexto amazônico, esse entendimento precisa ser ampliado para abarcar não apenas os elementos biofísicos, mas também a cultura, os modos de vida e as relações historicamente construídas entre os sujeitos e o território. Em outras palavras, conservar o sistema ambiental implica também reconhecer que nele se inscrevem identidades, saberes, práticas e formas de existência que não podem ser reduzidas a uma lógica meramente utilitária.

É nesse horizonte que a discussão proposta por este artigo se distancia de perspectivas que tratam a Amazônia apenas como recurso ou mercadoria turística. Em vez disso, o que emerge da análise é a necessidade de pensar práticas turísticas capazes de reafirmar a cultura, fortalecer vínculos com o ambiente e produzir experiências que ampliem o sentido de existência dos sujeitos, em consonância com a reflexão de Gadotti (2001).

Nessa direção, Krippendorf (2009) oferece uma contribuição importante ao defender a humanização do turismo. Para o autor, a viagem não se restringe ao descanso físico ou ao consumo de lugares; ela também se vincula à busca de valores não materiais, como meio ambiente, saúde, saberes e educação. A experiência turística, nesse sentido, pode ser compreendida como possibilidade de recriação do sujeito e de reconexão com dimensões sensíveis da vida. Como afirma Krippendorf (2009, p. 34), “o lazer, e sobretudo, as viagens pintam manchas coloridas na tela cinzenta da nossa existência”, podendo reconstituir, recriar e sustentar corpo e alma.

Essa leitura permite problematizar modelos de turismo que, ao se articularem a grandes cadeias de mercado, acabam por se apropriar de parcelas da Amazônia e estabelecer relações assimétricas com comunidades tradicionais e indígenas, muitas vezes transformadas em objeto ou produto de roteiros turísticos. O problema, portanto, não está no turismo em si, mas nos modos pelos quais ele é organizado, apropriado e praticado.

Os dados desta pesquisa indicam que os visitantes são atraídos, sobretudo, pelo sistema ambiental amazônico - florestas, rios, fauna, flora e cultura. Tal constatação reforça a necessidade de pensar estratégias que

articulem turismo e conservação a partir das especificidades do lugar. Entre essas estratégias, sobressaem quatro dimensões principais.

A primeira refere-se à formação em turismo na Amazônia. Se o ambiente e a cultura constituem elementos centrais da atratividade regional, não parece coerente que os cursos da área permaneçam centrados prioritariamente em competências técnicas dissociadas da compreensão do território. Nesse ponto, torna-se pertinente a crítica às Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Turismo, uma vez que pensar a formação na Amazônia exige considerar o sistema ambiental, os sujeitos locais e as especificidades socioculturais do contexto regional. Como lembra Lévy-Leblond (2013, p. 69), o ensino cumpre simultaneamente funções profissionais e técnicas, mas também culturais e formadoras de cidadania.

A segunda dimensão diz respeito ao fortalecimento das comunidades que desejam atuar com o turismo. A valorização de redes e experiências de turismo comunitário - como a Red de Turismo Comunitario de América Latina (Redturs), a Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário (Turisol) e o Fórum de Turismo de Base Comunitária do Baixo rio Negro - aponta caminhos importantes para formas mais justas de inserção das populações locais nas dinâmicas turísticas.

A terceira dimensão relaciona-se à proteção ambiental por meio de marcos regulatórios e fiscalização efetiva das práticas turísticas, especialmente em áreas sensíveis, como parques e territórios de elevada vulnerabilidade socioambiental. Nesse aspecto, os estudos de Silva e Tavares (2025) reforçam a importância de enfrentar juridicamente formas de espetacularização da vida silvestre e de uso inadequado do ambiente pela atividade turística.

A quarta dimensão envolve a construção de parcerias com organizações turísticas comprometidas com relações mais equitativas e com modelos de negócio compatíveis com a conservação ambiental. Se o objetivo é pensar o turismo para além da exploração predatória, torna-se fundamental reconhecer que a sustentabilidade do setor depende também dos princípios que orientam sua gestão e sua inserção nos territórios.

Mais do que ampliar fluxos de visitantes, trata-se de pensar que tipo de experiência turística está sendo produzida na Amazônia. Tuan (2012, p. 139) contribui de forma decisiva ao afirmar que “a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos” e quando combina prazer estético com curiosidade científica. Essa reflexão permite compreender que uma experiência turística significativa não se esgota na contemplação visual da paisagem, mas envolve encontros, interpretações e relações com o mundo vivido.

É nesse ponto que se fortalece a proposição do turismo amazônico. Longe de constituir um conceito fechado ou um segmento turístico específico, ele é entendido neste trabalho como categoria reflexiva em construção, voltada a pensar o turismo na Amazônia a partir de experiências transformadoras e de uma relação mais profunda entre visitante, ambiente e cultura. Como assinala Tuan (2013, p. 29), “um objeto ou lugar atinge

realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, mediante todos os sentidos, como também a mente ativa e reflexiva".

Essa perspectiva também dialoga com Maturana (2014, p. 139), para quem o viver humano se constitui recursivamente nas dimensões psíquica, mental e espiritual, emergindo no conviver e na aprendizagem do espaço cultural ao qual se pertence. Pensar o turismo amazônico, portanto, implica reconhecer que as experiências vividas no território não são externas ao sujeito, mas participam da constituição de sentidos, vínculos e modos de ser.

Nessa direção, Morin (2013) oferece a noção de religação como chave interpretativa. O desafio não consiste apenas em organizar uma atividade econômica, mas em religar ideias, saberes, sujeitos e ambiente, de modo que a natureza deixe de ser vista unicamente como recurso ou atrativo e passe a ser compreendida em sua complexidade. Tal exigência é também ética. Como afirma Morin (2007, p. 104), "a religação é um imperativo ético primordial", pois permite enfrentar os excessos de separação que fragmentam os conhecimentos e as relações humanas.

Assim, embora a Amazônia exerça forte poder de atração turística em escala global, o centro da discussão não deve estar apenas em sua capacidade de atrair visitantes, mas em sua importância para a continuidade da vida e na necessidade de produzir experiências mais significativas, capazes de sensibilizar os sujeitos para outra relação com o sistema ambiental. É nesse horizonte que se insere a (Figura 6) síntese dos pressupostos que sustentam a concepção de turismo amazônico.

Figura 6: Representação da categoria de análise reflexiva "Turismo Amazônico".
Figure 6: Representation of the reflective analysis category "Amazonian Tourism".
Fonte: elaborado pelos autores (2019).
Source: prepared by the authors (2019).

Para conceber o turismo amazônico como categoria de análise, torna-se necessária uma **formação em turismo** capaz de produzir conhecimento científico, bem como produtos e serviços alinhados à conservação ambiental. Isso implica reconhecer que, na Amazônia, a prática turística está intimamente relacionada ao sistema ambiental e que as **políticas públicas de turismo** precisam dialogar de forma mais estreita com educação, cultura e meio ambiente. Implica, ainda, compreender a **qualificação profissional** considerando a diversidade cultural amazônica, atribuindo novos sentidos à experiência turística e fortalecendo sua dimensão transformadora. Nessa perspectiva, o turismo amazônico se apresenta como categoria em construção, tecida em profunda relação com a sociobiodiversidade amazônica.

Considerações finais

A análise das percepções de moradores e visitantes sobre o turismo no Alto rio Solimões permitiu evidenciar que a compreensão do fenômeno, nessa região de tríplice fronteira, se organiza a partir de uma relação estreita entre ambiente, cultura e experiência. As falas dos sujeitos mostraram que o turismo é associado, sobretudo, ao ato de conhecer — conhecer a cultura, a natureza, os lugares e os modos de vida —, o que desloca sua compreensão para além de uma atividade econômica ou de um simples deslocamento espacial.

Os dados também revelaram que os principais atrativos reconhecidos pelos participantes estão vinculados à sociobiodiversidade amazônica. Floresta, fauna, flora, rios, cultura e territorialidades transfronteiriças aparecem como elementos centrais da atratividade regional, reforçando que o interesse pelo Alto rio Solimões se sustenta menos em estruturas turísticas padronizadas e mais na singularidade socioambiental do lugar. Nesse sentido, o estudo mostrou que os atrativos mais valorizados pelos sujeitos da pesquisa não podem ser compreendidos de forma isolada, mas como expressões de um sistema ambiental e cultural mais amplo.

Outro achado importante refere-se ao entendimento de que o turismo pode colaborar para a conservação ambiental, desde que não seja orientado por lógicas de exploração predatória ou por formas assimétricas de apropriação do território. Nas falas dos entrevistados e na discussão teórica mobilizada, tornou-se evidente que essa contribuição depende de condições concretas, como formação qualificada, políticas públicas integradas, respeito às comunidades locais e práticas turísticas comprometidas com o ambiente e com a cultura.

É nesse horizonte que se sustenta a proposição do turismo amazônico como categoria reflexiva. Neste artigo, ele não é compreendido como segmento turístico, mas como possibilidade analítica para pensar o turismo *na* e *para* a Amazônia a partir de experiências transformadoras, da centralidade da sociobiodiversidade e da necessidade de religar sujeito, ambiente e cultura. Trata-se, portanto, de uma categoria em construção, que

busca responder às especificidades amazônicas sem reduzir o território a mercadoria ou a cenário de contemplação.

Os resultados também permitem afirmar que uma formação tecnicista e fragmentada em turismo se mostra insuficiente diante da complexidade amazônica. Pensar o turismo nessa região exige considerar as várias Amazônias, seus povos, seus saberes, suas formas de relação com o ambiente e suas distintas territorialidades. Exige, ainda, reconhecer que a cultura indígena, ribeirinha e fronteiriça não constitui elemento periférico da experiência turística, mas parte constitutiva do sentido do lugar.

Por fim, o artigo indica que o fortalecimento de práticas turísticas comprometidas com a conservação ambiental demanda maior aproximação entre pesquisa científica, formação profissional e políticas públicas. Ao evidenciar as percepções dos sujeitos e as especificidades do Alto rio Solimões, este estudo contribui para o avanço das discussões sobre turismo em contextos amazônicos e reafirma a necessidade de construir perspectivas mais sensíveis, complexas e territorialmente situadas para o campo do turismo.

Referências

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 jul. 2000.

BUTEL-RIBEIRO, Alex; SCHOR, Tatiana. (2017). Turismo, megaeventos esportivos e a Copa do Mundo de 2014: Um olhar na/da tríplice fronteira amazônica Brasil-Peru- Colômbia. **Mundo Amazónico**, 8(2): 27-48. doi: http://dx.doi.org/10.15446/ma.v8n2.64472

DÁCIO, Antonia I. C. **Segurança alimentar e conservação nos agroecossistemas no Alto Solimões, Amazonas.** 2017. 167f. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia). Centro de Ciências do Ambiente, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de (orgs). **Percepção ambiental:** a experiência brasileira. 2.ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

DIEGUES, Antonio C. S. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: DIEGUES, Antonio C. S. (Org.). **Etnoconservação**: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra:** ecopedagogia e educação sustentável. 2001. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101010031842/4gadotti.pdf Acesso em: 22 jun 2019.

JIMÉNEZ GUZMÁN, Luis Fernando. **Teoría turística**: un enfoque integral del hecho social. 2 ed. Bogotá: Universidad Externado de Colombia, 1990.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo:** para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 3.ed. rev. e ampli. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY-LEBLOND, Jean M. **É possível ensinar a física moderna?** In: MORIN, E. A religação dos saberes: o desafio do século XXI. 11a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MATURANA, Humberto; MAGRO, Cristina; GRACIANO, Miriam; VAZ, Nelson (orgs.). **A ontologia da realidade.** 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MENDOZA, Anita Yris Garcia; SANTANA, Romário da Silva; SANTOS, Vandreza Souza dos; LIMA, Renato Abreu. *Diversidade de basidiomycota na Reserva Natural de Palmari, Amazonas, Brasil***.** Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental, Florianópolis, v. 7, n. 4, p. 324-340, out/dez. 2018. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/gestao_ambiental/article/view/7278/4203 Acesso em: 9 jul. 2019.

MOESCH, Marutschka M.; BENI, Mário C. Do discurso sobre a ciência do turismo para a ciência do turismo. In: SEMINÁRIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E POS-GRADUAÇÃO EM TURISMO (ANPTUR), 2015, Natal. **Anais Eletrônicos...** Natal: UFRN, 2015. Disponível em: <http://www.anptur.org.br/anptur/anais/v.11/DFP1_pdf/48.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2015.

MORIN, Edgar. **A religação dos saberes:** o desafio do século XXI. 13.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MORIN, Edgar. **O método 1:** a natureza da natureza. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MORIN, Edgar. **O método 3:** o conhecimento do conhecimento. 4.ed. Porto Alegre: Sulina, 2008a.

MORIN, Edgar. **O método 4:** as ideias: habitat, vida, costumes, organização. 4.ed. Porto Alegre: Sulina, 2008b.

MORIN, Edgar. **O método 6:** ética. 3.ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido**: a natureza humana. São Paulo: Publicações América-Europa, 1999.

Naciones Unidas/ UNWTO. (s.d.). **Recomendaciones internacionales para estadísticas de turismo – 2008**. Madrid / Nueva York: Naciones Unidas, 2008.

PAKMAN, Elbio T. Sobre as definições de turismo da OMT: uma contribuição à história do pensamento turístico. In: SEMINÁRIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E POS-GRADUAÇÃO EM TURISMO (ANPTUR), 2014, Natal. **Anais Eletrônicos...** Natal: UFRN, 2014.

Disponível em: <http://www.anptur.org.br/anais/anais/files/11/34.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2016.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **O que é turismo.** São Paulo: Editora Brasilense, 2010.

PINTO, Paulo M. **Políticas públicas de turismo na Pan-Amazônia:** processos de gestão local em áreas protegidas na tríplice fronteira do Brasil. 2016. 424 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido). Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

SILVA, Bruna Martins; Oliveira, Fagno Tavares. A espetacularização da vida silvestre pelo turismo: um olhar sob a luz da legalidade. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.18, n.6, nov-2025/jan-2026, pp. 818-849.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves. **Pensamento sistêmico:** o novo paradigma da ciência. 10. ed. rev. e atual. Campinas, SP: Papirus, 2013.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

Notas:

[1] Os agrupamentos foram constituídos pelas seguintes expressões: 1. *Floresta*: floresta, floresta tropical, natureza, biodiversidade, selva amazônica, mata e vegetação; 2. *Fauna e flora:* fauna e flora, animais, pescaria, peixes; 3. *Cultura*: cultura, cultura local, cultura indígena, povos indígenas, tradição de cada cultura, culinária amazônica, evento cultural e festival; 4. *Tríplice fronteira*; 5. *Rio*: rio, rio Amazonas e lagos; 6. *Leticia*; 7. *Turismo ecológico*; 8. *Comara*; Comara e cemitério da Comara; 9. *Turismo de compras*; 10. *Hotel de selva*: On Vacation e Cabanas; 11. *Exposição de animais*: Ilha dos micos e zoológico; 12. *Educação*; 13. *Produtos brasileiros*; 14. *Turismo acadêmico*; e 15. *Visitar parentes*.

[2] Os agrupamentos foram constituídos pelas seguintes expressões: 1. *Floresta*: floresta, biodiversidade, natureza, tudo relacionado a natureza, árvores, vegetação e riqueza natural; 2. *Cultura*: cultura, cultura indígena, comida, exotismo, indígena, pessoas; 3. *Flora e fauna*: flora, fauna, animais e peixe; 4. *Tríplice fronteira*: tríplice fronteira e países diferentes; 5. *Rio*: rio, água e recursos hídricos; 6. *Turismo ecológico*; 7. *Área de Livre Comércio*; 8. *Casa do Chocolate*; 9. *Museu*.

Agradecimentos

Este artigo resulta de pesquisa de doutorado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (PPG-CASA), vinculado ao Centro de Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). As autoras agradecem ao Núcleo de Etnoecologia na Amazônia Brasileira (NETNO/UFAM) pelo apoio institucional às atividades de campo. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Cristiane Barroncas Maciel Costa: Universidade do Estado do Amazonas (UEA) Escola Superior de Artes e Turismo, Manaus, AM.

E-mail: crisbmcn@gmail.com

Link para o currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/2798121634650231

Edilza Laray de Jesus: Universidade do Estado do Amazonas (UEA) Escola Superior de Artes e Turismo, Manaus, AM.

E-mail: ejesus@uea.edu.br

Link para o currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/3416993677349221